

REFLEXÕES ACERCA DO SENTIDO TEOLÓGICO DA MORTE: UM ESTUDO NECESSÁRIO

Adriano Rosa da Silva¹

<http://lattes.cnpq.br/7228184007145445>

<https://orcid.org/0000-0001-6133-3798>

E-mail: adriano.uff@hotmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N2>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N2-04>

RESUMO: O tema central da presente pesquisa foi destacar algumas contribuições do conhecimento teórico sobre o sentido teológico da morte, como uma das temáticas mais debatidas no cristianismo. De modo que o principal objetivo do trabalho foi investigar, por meio de revisão bibliográfica e abordagem descritiva qualitativa, aspectos considerados relevantes acerca da temática proposta, enfatizando o campo da teologia da morte e da ressurreição. Assim, o estudo buscou mostrar como se descortina o discurso teológico sobre a questão da morte, revisando e revisitando a literatura especializada. Cabe destacar também que foram levantados apontamentos no sentido de caracterizar os principais aspectos que envolvem a morte e a ressurreição. Nessa direção, buscou-se o referencial teórico de Blank, Moltmann, Nocke, entre outros estudiosos do tema.

PALAVRAS-CHAVE: Teologia. Morte. Cristianismo.

REFLECTIONS ON THE THEOLOGICAL MEANING OF DEATH: A NECESSARY STUDY

ABSTRACT: The central theme of this research was to highlight some contributions of theoretical knowledge on the theological meaning of death, as one of the most debated themes in Christianity. Thus, the main objective of the work was to investigate, through a bibliographic review and qualitative descriptive approach, aspects considered relevant to the proposed theme, emphasizing the field of the theology of death and resurrection. Thus, the study sought to show how the theological discourse on the issue of death unfolds, reviewing and revisiting the specialized literature. It is also worth noting that notes were raised in order to characterize the main aspects involving death and resurrection. In this direction, the theoretical framework of Blank, Moltmann, Nocke, among other scholars on the subject, was sought.

KEYWORDS: Theology. Death. Christianity.

INTRODUÇÃO

Interessa observar que este estudo se configura como o registro de um planejamento de investigação teórica, o qual visa prescrutar um *corpus* documental

¹ Licenciado em Pedagogia e em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF), doutorando pelo mesmo programa. Mestrando em Educação pela Universidade de Lisboa (ULisboa). MBA em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo (USP).

selecionado com rigor metodológico acerca da teologia da morte e da ressurreição. Sendo, pois, um processo investigativo sobre o sentido da morte cristã com o objetivo de desenvolver um estudo argumentativo e interpretativo acerca desse objeto de pesquisa teológico, à luz da doutrina da Igreja Católica². Para tanto, considera-se fundamental, nesse momento, delimitar cada etapa a ser analisada.

Nesse prisma, importa considerar que o tema central desta investigação teórica é o sentido cristão da morte como esperança na ressurreição da carne e na vida eterna. Cabe ressaltar que a morte humana evidencia o valor inestimável das relações entre a Graça Divina e o livre arbítrio. Nessa linha, o Papa Bento XII (séc. XIV) declarou que as almas de todos os justos mortos estão e estarão no Reino de Deus com Cristo, admitidos na sociedade dos santos anjos. Por isso, a esperança na ressurreição da carne e na vida eterna é, pois, a esperança na vida perfeita com a Realidade Trinitária, com a Virgem Maria, os anjos e todos os bem-aventurados.

A morte foi tragada pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Ora, o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças, porém, sejam dadas a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo! (1 Cor 15,55-57).

Em face do exposto, esse estudo justifica-se porque pode vir a contribuir para a sistematização de um estudo acerca da escatologia da pessoa e posterior comunicação científica dos achados da pesquisa, visando, pois, problematizar continuamente a esperança cristã na ressurreição da carne e na vida eterna. A morte apareceu aos homens, desde a antiguidade, como um mal. Todavia, a morte brutal e dolorosa, como ela é atualmente, decorre do pecado dos primeiros pais. As Sagradas Escrituras ensinam enfaticamente que “Deus não fez a morte nem experimenta alegria quando perecem os vivos. Criou todas as coisas para que tenham existência” (Sb 1,13s). Diante disso, vale sublinhar que a carne designa a fraqueza e a mortalidade, e que após a morte não haverá somente vida imortal da alma, mas mesmo os corpos mortais adquirirão vida.

Justifica-se, também, devido à sua relevância acadêmica em estudar e aprofundar esse assunto sobre o sentido cristão da morte e a esperança na ressurreição

² A teologia católica dá o nome de lugares teológicos aos diversos domínios a partir dos quais o conhecimento teológico pode elaborar seu saber ou às diversas fontes nas quais se inspira: a Escritura, a Tradição, os Padres, o Magistério, a liturgia. MICHON, Cyrille. NARCISSE, Gilbert. **Verbetes:** Lugares teológicos. In: LACOSTE, Jean-Yves. Dicionário crítico de teologia, p. 1055.

da carne e na vida eterna, buscando compreender que, de um lado, os homens esperam a vida que virá e que se inaugura com a sua páscoa pessoal e definitiva, a morte física. Mas por outro lado, já foram ressuscitados com Ele, pelo Batismo. (Cl 2, 12, 3,1). Nesse sentido, Jesus nos comunica a sua vida mediante o Batismo, isto quer dizer que a vida de Jesus se prolonga no cristão. Esta situação leva o cristão a fazer uma revisão dos valores do mundo presente. É-nos dada sob a forma de um gérmen, que tende a expandir-se cada vez mais através das nossas atividades e transfigurar o corpo no dia em que este ressuscitar. Jesus, assim, se apresenta como o segundo Adão, que nos comunica a vida, e vida sem fim, em oposição ao primeiro Adão, que nos transmitiu a morte. (Cf. Rm 5,12-17).

Nesse horizonte, é importante destacar, ainda, que o estudo de tal temática se justifica, no sentido de contribuir através de um trabalho, além dos outros já publicados sobre essa temática, porque analisa aspectos da escatologia da pessoa, como o fato de que embora o homem tenha natureza mortal, Deus não o destinava à morte, portanto, a morte foi contrária aos seus desígnios e entrou no mundo como consequência do pecado (Sb 2,23-24). Logo, infere-se que por meio de um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte; e, assim, a morte passou a todos os homens, porque todos de sua descendência pecaram (Rm 5,12).

Nesse esquadro, é preciso responder à questão: “Para onde vamos?”, sendo, pois, o problema desta pesquisa a fé cristã na ressurreição da carne e na vida eterna, a partir do levantamento bibliográfico feito até o momento. Urge salientar que o objetivo precípuo desta pesquisa se constitui em analisar a esperança cristã na Ressurreição da Carne e na Vida Eterna, conforme a Teologia Escatológica, tendo como outros objetivos secundários: conceituar o sentido da Morte Cristã; definir o sentido filosófico de Morte; apresentar o sentido teológico de Morte; caracterizar a ressurreição de Cristo; descrever a Revelação Progressiva da Ressurreição; indicar como os mortos ressuscitam com Cristo; e identificar o sentido do Juízo Particular.

METODOLOGIA

Importa considerar que se buscou, como procedimento metodológico, suporte teórico, mediante revisão bibliográfica atinente ao tema, a partir da leitura de livros,

documentos da Igreja, artigos e teses. Sendo assim, por não se ter a pretensão, com esse projeto, em esgotar as possibilidades de discussão sobre o assunto, foram destacados alguns pontos e levantados aspectos considerados relevantes acerca da esperança cristã na ressurreição da carne e na vida eterna, de acordo com a perspectiva escatológica³. De modo que, tomando-se por base o que já foi publicado em relação ao tema, pretendeu-se chegar a conclusões que poderão servir de embasamento para pesquisas futuras.

Cabe ressaltar que essa pesquisa aborda um tema eminentemente teórico, tratando-se, pois, de uma revisão bibliográfica com fontes, as quais envolvem generalizações, análises, sínteses, interpretações e avaliações da informação original. Diante disso, vale sublinhar que procurou-se inter-relacionar o material bibliográfico selecionado nessa pesquisa, buscando fundamentar esses dados pela linha de investigação teórica acerca da teologia da morte e da ressurreição.

Nesta via, a partir da base analítica evidenciada nos textos específicos acerca da Escatologia da pessoa, sobretudo com base no Catecismo da Igreja Católica (2017) e na Bíblia de Jerusalém (1995), averbo que as informações e dados contidos nessas fontes serão identificados, selecionados e organizados durante a pesquisa, com vistas a analisar a perspectiva sobre a esperança cristã no que tange à morte, ressurreição e vida eterna, de modo a buscar alinhar com o objeto de pesquisa deste estudo. Interessa observar que buscou-se investigar outras fontes bibliográficas no transcurso da pesquisa, examinando, assim, publicações científicas, documentos da Igreja e outros textos que também possibilitaram compreender essa temática acerca da fé cristã no céu e na eternidade.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Muito variadas no decorrer dos séculos foram as tentativas de explicar o sentido da morte, sendo o sentido cristão o objeto da presente pesquisa, onde será abordada, assim, a esperança cristã na ressurreição da carne e na vida eterna. Nesse particular, para ressuscitar com Cristo é preciso morrer com Cristo (2 Cor 5,8). Nesta Partida (Fl

³ A imortalidade de que o homem gozava, no estado de natureza assim definido, pertencia a ele em virtude de outra graça que não necessariamente decorria de seu estado de justiça original, pois sua imortalidade não consistia em não poder morrer, mas somente em poder não morrer, ao se separar da árvore da vida da qual ele de fato se separou pelo pecado. GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 283.

1,23: a morte), a alma é separada do corpo, sendo que ela será reunida no dia da ressurreição dos mortos. O sentido da morte cristã tem uma perspectiva positiva (Fl 1,21; 2 Tm 2,11), pois, a questão essencial da morte cristã está no fato de que, pelo batismo, o cristão “morre para o mundo” ou “morre com Cristo”, para viver de uma vida nova. A morte física consome este sentido de “morrer com Cristo” e completa, assim, a incorporação a ele no seu ato redentor.

No sentido de reforçar o objeto desta pesquisa, averbo que a morte, para o cristão, não deixa de ser um fenômeno natural, pois a separação de corpo e alma se dá, visto que os órgãos corpóreos, como o coração e os pulmões, por exemplo, se vão desgastando, a tal ponto que, cedo ou tarde, o organismo já não pode preencher as funções da vida. Por isto, a alma, princípio vital (espiritual e imortal) se separa do corpo. A morte é o término da vida terrestre, dando, assim, um aspecto de urgência às nossas vidas. Com isso, a lembrança da mortalidade humana serve também para recordar que o homem tem um tempo limitado para realizar sua vida.

Nesta via, depreende-se que o Deus de bondade, que criou o homem, não o abandonou a sua triste sorte. Em tempo oportuno, o próprio Deus assumiu a carne humana, tomou sobre si a morte com todas as suas angústias e ressuscitou. Assim, Jesus Cristo venceu a morte e dela nos libertou. O Senhor obteve o triunfo sobre a morte em favor do gênero humano, a fim de que cada indivíduo saiba que, embora deva morrer dolorosamente em consequência da culpa original, a morte não é para ele mera sanção, mas a passagem para a vida definitiva. Vale sublinhar que Deus criou o homem para a imortalidade, e o fez imagem de sua própria natureza, mas, por inveja do diabo, a morte entrou no mundo (Sb 2,23s).

A morte de Jesus não opera, portanto, uma remissão mágica, que seria infundida de maneira misteriosa e invisível na pessoa que vai ser remida. O fato de Jesus ter morrido por nossos pecados não significa que nós próprios já não mais precisamos morrer por nossos pecados. Sua morte não é uma ação substitutiva, mas deflagração e possibilitação de um processo de libertação que segue adiante⁴.

Com efeito, depreende-se que Jesus, por causa da sua verdadeira natureza humana, sofreu também ele a morte, que é própria da condição humana. Nesse aspecto, apesar do seu pavor diante dela (Mc 14,33; Hb 5,7-8), assumiu-a em um ato de

⁴ LOHFINK, Gerhard. **Jesus de Nazaré**, p. 348.

submissão total e livre ao pai. Assim, a obediência de Jesus transformou a maldição da morte em benção (Rm5,19-21). Interessa observar que o Catecismo da Igreja Católica (2017) parte do princípio teológico-espiritual da morte humana para elucidar o seu verdadeiro significado.

Cabe destacar que o Catecismo da Igreja Católica (2017) nos explica o significado da morte no Plano Salvífico de Deus em Cristo. Nesse particular, aponta que, em certo sentido, a morte natural é natural, mas para a fé é entendida na realidade como salário do pecado (Rm 6,23). E para os que morreram com Cristo, corresponde a uma participação na morte do Senhor, a fim de poder participar também da sua Ressurreição, tendo em vista que “o cristão na graça de Deus morre uma morte diferente do pecador”⁵.

Infere-se que a morte é um dos fenômenos que mais falam ao homem, por seu caráter inflexível e os mistérios que a cercam. A morte é mesmo alguma coisa que perpassa toda a vida do homem na terra. Bem se entende isto, pois uma das necessidades mais imperiosas que o homem tem é a de explicar a sua presença neste mundo. Para tanto, é preciso analisar o significado da etapa final, que é a morte. Sobre isso, a fé ensina que, por ocasião da segunda vinda de Cristo, os mortos ressuscitarão, tanto os justos como os ímpios. Isto quer dizer que a sorte definitiva não afetará apenas a alma, mas também o corpo ou a matéria, do ser humano.

Partindo do entendimento de que da mesma forma que Cristo ressuscitou dos mortos e vive para sempre, assim também, depois da morte os justos (ou salvos) viverão para sempre com Cristo Ressuscitado e que os ressuscitará no último dia. Conforme o Catecismo da Igreja Católica (2017), no sentido de esclarecer a questão da esperança na ressurreição da carne, expõe que Deus em sua onipotência restituirá a vida incorruptível aos corpos mortais unindo-os às almas, pela virtude da Ressurreição de Jesus. Nessa direção, podemos inferir que a doutrina da vida eterna corresponde à forma de participação dos batizados na existência atual de Cristo Ressuscitado.

Assim, quem ressuscitará no último dia são todos os homens que morreram para destinos eternos diferentes. Nesse prisma, podemos depreender que o cristão já participa

⁵ RAHNER, Karl. **Sentido teológico de la muerte**, p. 75.

da dignidade de ser de Cristo aqui na terra, daí a exigência do respeito para com seu próprio corpo, mas também para com o de outrem, particularmente quando este sofre. (1Cor 6,13-15.19-20). O sentido cristão de morte como sendo a esperança na ressurreição e vida eterna com Cristo, tal como exposto neste problema de pesquisa, exprime-se também através da imagem da vida como uma peregrinação rumo a essa eternidade, concebendo a vida terrena como um caminho percorrido uma só vez.

Em vista disso, consoante com o Catecismo da Igreja Católica (2017), a fé na ressurreição dos mortos foi revelada progressivamente nas Sagradas Escrituras, a partir da Teologia da Criação no Antigo Testamento, em que se fundamenta, já em Israel, a crença na ressurreição dos corpos mortais (tal como exposto em 2 Mac 7,14), sendo uma consequência intrínseca da fé em um Deus criador do homem inteiro (com alma e corpo). Desse modo, o corpo é importante para a teologia cristã, pois por meio dele que acontece a salvação anunciada e realizada através tradição da Igreja Católica e das Escrituras Sagradas.

Desse modo, a morte é o fim da peregrinação terrestre do homem, tempo da graça e da misericórdia que Deus oferece para realizar a sua vida terrestre segundo o projeto divino e para decidir seu destino último, já que não voltaremos mais a outras vidas terrestres. Tomando por base que não existe reencarnação depois da morte. Sob tal perspectiva, para o teólogo Karl Rahner, a morte faz parte da condição humana, de modo que ao estar incorporado a Cristo pelo batismo, o morrer para o cristão é um ato de vida e de esperança.

A morte não é apenas um acontecimento que sobrevém ao ser humano, que tem que ser sofrido por ele, mas justamente como morte aceita e sofrida, ela também é ato do ser humano⁶.

Nessa direção, como o tema deste estudo trata da fé na eternidade com Deus, exponho que o céu é o fim último e a realização das aspirações mais profundas do homem, o estado de felicidade suprema, de sorte que “viver no céu é viver com Cristo”. (Jo 14,3; Fl 1,23; 1Ts 4,17). O paraíso celeste também é lugar de intercessão e solidariedade com os peregrinos deste mundo, de modo que na glória do céu, os bem-

⁶ NOCKE, Franz-Josef. **Verbete:** Consumo do indivíduo. In: SCHNEIDER, Theodor. Manual de dogmática, p. 401.

aventurados continuam a cumprir com alegria a vontade de Deus em relação aos outros homens e à criação inteira.

Em linguagem eclesiológica, o céu é a comunidade bem-aventurada de todos os que estão perfeitamente incorporados a Ele. E o céu supõe a visão beatífica, a visão de Deus mesmo, quando ele mesmo abrir o seu Mistério à contemplação direta do homem e o capacitar para tanto. (Cf. Nota 1.658: Antiga Tradição descrita por S. Cipriano, séc. II). A Páscoa de Cristo nos alcançou a graça da salvação, em que a vida dos bem-aventurados consiste na posse em plenitude dos frutos da redenção operada por Cristo, que associou à sua glorificação celeste os que creram nele e que ficaram fiéis à sua vontade.

Consoante com a doutrina teológica do Purgatório, este é definido como sendo uma purificação dos eleitos, isto é, quando se morre na graça e na amizade de Deus, mas não completamente purificado, embora tenha garantida a sua salvação eterna, passa após a morte, por uma purificação, a fim de obter a santidade necessária para entrar na alegria do céu. Com efeito, a morte é um mistério que não pode ser esvaziado, esquecido, subjugado e nem a dor que ela provoca pode ser desconsiderada, na convicção de que, “para os que creem, a vida não é tirada, mas transformada. E, desfeito o nosso corpo mortal, nos é dado nos céus um corpo imperecível”⁷.

Por conseguinte, o princípio teológico de compreensão da realidade do inferno remete-o à ideia de condenação eterna. Por isso, morrer em pecado mortal sem ter-se arrependido dele e sem acolher o amor misericordioso de Deus significa ficar separado do Todo Poderoso para sempre pela nossa própria opção livre. Disto decorre a definição teológica de Inferno, uma autoexclusão definitiva da comunhão com Deus e com os bem-aventurados. Assim, as almas dos que morrem em estado de pecado mortal descem imediatamente depois da morte aos infernos, onde sofrem as penas do fogo eterno, conforme as palavras de Jesus sobre a “geena”, isto é, do fogo que não se apaga (Mt 5,22.29; 13,42.50; Mc 9, 43-48).

Na ressurreição de todos os mortos, dos justos e injustos (At 24,15) que antecederá o Juízo final e diante de Cristo, o qual é a Verdade, será definitivamente

⁷ MISSAL Romano. **Prefácio dos fiéis defuntos I**, p. 462.

desvendada a verdade sobre a relação de cada homem com Deus (Jo 12,49). Este Juízo acontecerá por ocasião da volta Gloriosa de Cristo. O tempo e a hora são prerrogativas reservadas ao Pai. A nós cabe a resoluta conversão de nossas faltas no tempo que nos foi confiado e com os meios que nos foram oferecidos. A esse respeito, a Igreja se mostra como mãe que ampara os filhos no momento da morte.

A Igreja celebra com profunda esperança o Mistério Pascal de Cristo nas Exéquias de seus filhos, para que eles, incorporados pelo Batismo a Cristo morto e ressuscitado, passem com Ele da morte à vida. Suas almas devem ser purificadas para serem recebidas no céu entre os santos eleitos; seus corpos esperam a feliz vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos. Por isso a Santa Mãe Igreja oferece o Sacrifício Eucarístico da Páscoa de Cristo e eleva a Deus suas orações e sufrágios pela salvação de seus mortos, para que, pela comunhão existente entre os membros de Cristo, o que para um serve de sufrágio, a outros sirva de consolo e esperança⁸.

A hipótese defendida, portanto, é a de que a morte, abraçada em união com a de Cristo, é a resposta positiva e generosa que o cristão dá ao convite do Pai, em oposição à recusa que o primeiro homem deu ao mesmo convite, incorrendo por isto na condenação à morte. A morte coloca o homem num estado definitivo e imutável. O homem fica sendo para sempre amigo ou inimigo de Deus, conforme as disposições que tenha ao deixar este mundo. Somente enquanto peregrina na terra, pode merecer ou desmerecer o Sumo Bem. Nesse ângulo, Jesus admoesta os discípulos a que vigiem, pois a atitude que tiverem assumido nesta vida em relação a Deus, definirá a sua sorte definitiva. É o que incutem as parábolas das dez virgens (Mt 25, 1-13), dos dez talentos (Mt 25, 14-30), do rico e de Lázaro (Lc 16, 18-31), o quadro do juízo final (Mt 25, 31-46).

Por fim, a Doutrina Bíblica do Novo Testamento fala do destino último da alma à luz do Juízo Escatológico. Neste contexto de chamado à responsabilidade (Mt 7,13-14) em vista do Destino Eterno, decorre que Deus não predestina ninguém para o Inferno. Para isto é preciso uma aversão voluntária a Deus (um pecado mortal), e persistir até o fim. A Liturgia, no entanto, recorda-nos com alívio e esperança da infinita misericórdia de Deus e de sua resoluta vontade de nos salvar.

⁸ RITUAL de Exéquias, n. 1.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consoante com a temática ora apresentada, acerca da esperança cristã na vida eterna com Cristo, após a morte física, ficou patente que não há propriamente morte para o cristão. Ele sofre, sim, as misérias da carne como os demais homens, mas as suas mazelas são as de um membro de Cristo. O que quer dizer que elas, fazendo sofrer, levam à verdadeira vida e à glória definitiva. Assim, segundo o conceito cristão de morte, quanto mais esse corpo se configura ao de Jesus pelo padecimento, tanto mais também se lhe assemelhará na glória futura. Logo, todo sofrimento vem a ser um rejuvenescimento ou uma antecipada participação da glória de Cristo.

Nesse prisma, é importante considerar que o cristão nasce em duas etapas, sendo que a primeira ocorre após nove meses de gestação no seio materno, já a segunda etapa do nascimento desse indivíduo, ocorre quando o Pai o julga oportuno, chamando-o para a mansão definitiva num momento dito “morte”. É, então, que acaba de nascer, pois se acha com a sua personalidade acabada. Desta maneira, vê-se mais uma vez que a morte, para o cristão, não é propriamente morte, mas passagem para a plenitude da vida. Vale destacar também que a esperança cristã na ressurreição está toda marcada pelos encontros com o Cristo ressuscitado, de modo que, ser testemunha de Cristo, é ser testemunha da sua ressurreição.

REFERÊNCIAS

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo, Paulinas, 1995.

BLANK, Renold J. **Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição.** (Escatologia I). 2a ed; São Paulo: Paulus, 2000.

BOFF, L. **Vida para Além da Morte.** O presente: Seu Futuro, Sua Festa, Sua Contestação; Petrópolis: Vozes, 2010.

Catecismo da Igreja Católica. 4a ed. São Paulo: Loyola, 2017.

LIBÂNIO, João Batista; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Escatologia cristã o novo céu e a nova terra.** Petrópolis: Vozes, 1985.

MOLTMANN, J. **A vinda de Deus: Escatologia cristã.** São Leopoldo, RS: Unisinos, 2003.

MOLTMANN, J. **Teologia da Esperança: Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã.** 3a ed; São Paulo: Loyola /Theológica, 2005.

NOCKE, Franz-Josef. **Manual de dogmática.** v. II, p. 339-426; Petrópolis: Vozes, 2009.

SCHILLEBEECKX, E. **História humana revelação de Deus.** São Paulo: Paulus, 1994.

Submissão: março de 2025. Aceite: abril de 2025. Publicação: abril de 2025.